

FORMAÇÃO

D

VA

ES



Nesta edição

- De onde vêm nossos valores?
- Quem os ensinou?
- Será que estamos "perdendo" valores?
- O mundo passa por uma crise de valores?

convite à reflexão

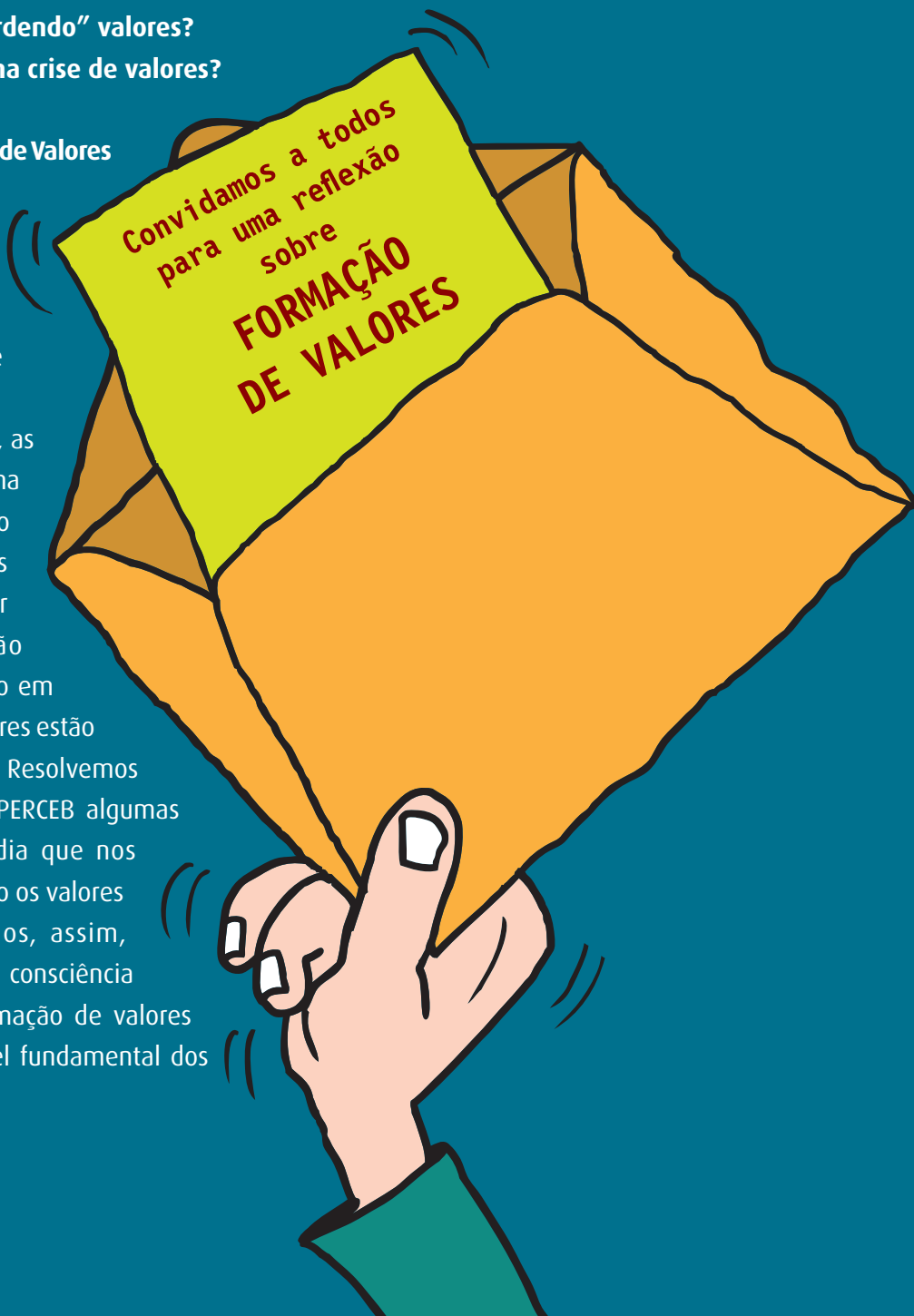
Nesta edição do PERCEB, o tema é “Formação de Valores”. Assim, damos continuidade aos assuntos tratados nas últimas edições: “Princípios” e “Desenvolvimento Moral”.

Dessa vez, levantamos algumas questões que constantemente fazemos quando nos deparamos com situações que nos provocam positiva ou negativamente e nos levam a reflexões, como:

- De onde vêm nossos valores?
- Quem os ensinou?
- Será que estamos “perdendo” valores?
- O mundo passa por uma crise de valores?

Ao trazer o tema **Formação de Valores** à discussão, entendemos que as respostas a essas perguntas estão presentes em nosso cotidiano, e uma reflexão mais atenta pode começar a elucidá-las.

Nosso modo de ser e agir, as escolhas que fazemos e a forma como nos relacionamos com o outro são sempre referendadas por nossos valores. Por estarem incorporados, não percebemos que, até mesmo em pequenos gestos, nossos valores estão presentes como balizadores. Resolvemos trazer para esta edição do PERCEB algumas situações do nosso dia a dia que nos permitem compreender como os valores são formados. Pretendemos, assim, contribuir para a tomada de consciência sobre a importância da formação de valores na educação e sobre o papel fundamental dos educadores nesse processo.



Expediente PERCEB

O PERCEB é uma publicação do Centro Educacional Brandão - Comecinho de Vida – Al. dos Tupiniquins, 997 - São Paulo - SP - Tel.: (11) 5041-1788

Conselho Editorial: Marta Brandão Zerlotti, Márcio Brandão Pereira, Maria Helena R. de Oliveira da Costa, Elaine David Pires,

Nádia Cristina Oliveira, Neusa Martins Canotilho, Mônica Pereira da Silva e Adriana Neves Padilla;

Edição e Produção Gráfica: Dagui Design; **Redação:** André Ciasca; **Revisão de texto:** Ricardo Paulo Novais

A formação de valores

Formar valores pressupõe ter claro os princípios que nos norteiam. A consolidação desses princípios, concretizados no cotidiano por regras criadas coletivamente, é o que nos conduz a uma vida autônoma.

No CEB, o trabalho de formação de valores visa à apropriação, pelo aluno, de princípios éticos, morais e democráticos. Princípios são o norte que auxiliará os alunos a tomarem consciência e responsabilizarem-se por seus atos, no caminho crescente da anomia à autonomia.

No processo de desenvolvimento moral, muitas vezes confundimos e associamos atitudes ditas “corretas e bem-educadas” com valores. Há um fio muito tênue entre a “boa educação” e os valores morais que estão em jogo. Por exemplo, quando ouvimos o outro, podemos simplesmente fazê-lo para “ser bem-educado” ou porque respeitamos e valorizamos a posição dos nossos pares e a possibilidade de compartilhar com eles opiniões, ideias e conhecimentos.

Na medida em que nos tornamos conscientes de nossas atitudes, fortalecemos os alicerces da construção e formação de valores.

Valores, conforme o verbete do dicionário, é “o conjunto de princípios ou normas que, por corporificar um ideal de perfeição ou plenitude moral, deve ser buscado pelos seres humanos”. É evidente que os valores variam entre grupos e sociedades, e aquilo que muitas vezes é considerado negativo ou até “sem valor” em determinado grupo pode não ser para outro. Porém, mais importante do que o julgamento de determinado valor é ter claro o conjunto de nossos próprios valores, pois assim seremos coerentes na orientação do que podemos e devemos fazer nas mais diversas situações de vida.

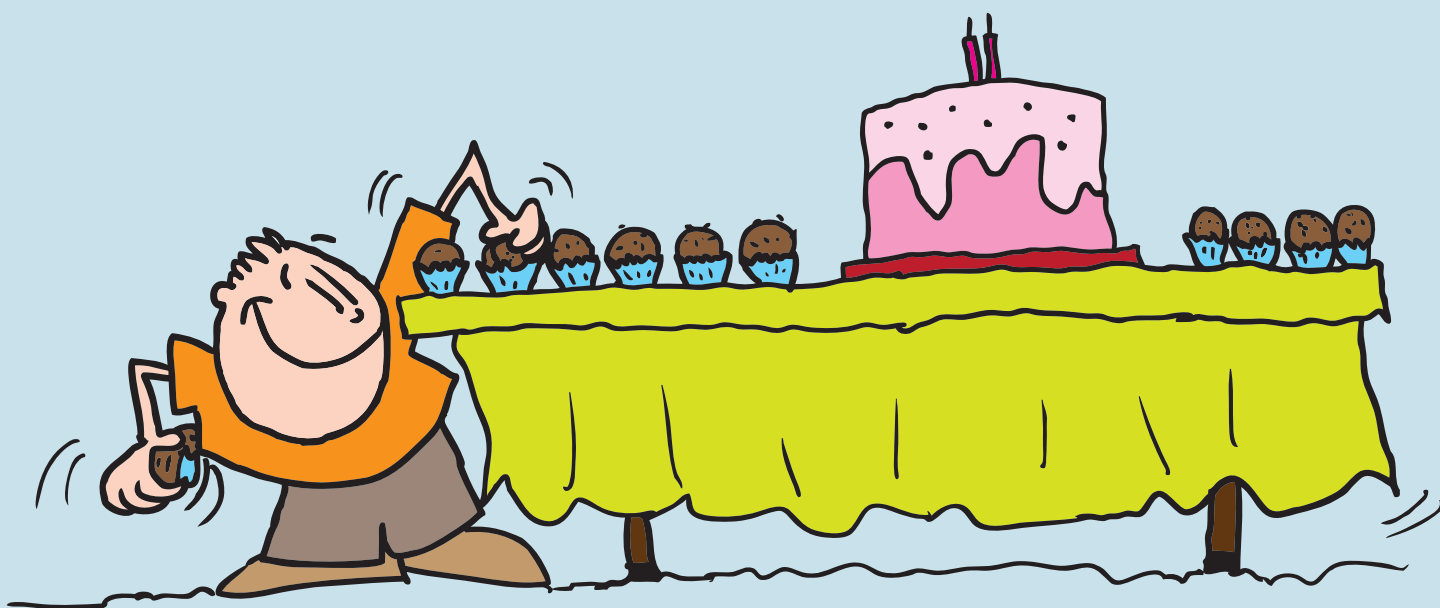
No CEB, educa-se para a diversidade, para o respeito ao outro, para o contato com os diversos saberes, para o diálogo e, assim, valores universais como respeito, honestidade, justiça, solidariedade, paz, entre outros, são construídos e sedimentados em cada um. Tanto nas grandes quanto nas pequenas intervenções diárias, feitas por meio do diálogo e do convite à reflexão, é que ajudamos cada aluno a ser protagonista de sua história de vida.

O processo do desenvolvimento moral é lento e contínuo. A atenção permanente e global é fundamental. A escola dedica-se integralmente a essa tarefa. Os reflexos e resultados deste processo certamente serão percebidos no decorrer da vida de cada um.



Oportunidades

TODAS AS SITUAÇÕES DA VIDA NOS FORNECEM OPORTUNIDADES PARA A FORMAÇÃO DE VALORES. SEMPRE TEMOS CHANCE DE EDUCAR, DE AUXILIAR NA INDICAÇÃO DE CAMINHOS E ALTERNATIVAS, EM QUE NOSSOS FILHOS E ALUNOS PODERÃO TORNAR-SE MAIS AUTÔNOMOS E, ASSIM, VIVENCIAREM COM PLENITUDE TODAS AS SUAS AÇÕES. NAS PRÓXIMAS DUAS PÁGINAS, APRESENTAREMOS PEQUENAS SITUAÇÕES POSSÍVEIS E SEUS RESPECTIVOS DESDOBRAMENTOS PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE VALORES.



Mas, tudo bem, é festa!?

Festa de aniversário. Bebidas, salgados e outros quitutes são devorados. “Com licença” e “obrigado” parecem não terem sido convidados. “Mas, tudo bem, é festa!?”

É chegada a hora de cantar parabéns. Em um esforço hercúleo, alguns adultos tentam fazer com que as crianças aproximem-se da mesa. O aniversariante só se convence de que valeu a pena interromper a brincadeira quando vê alguns amigos ao redor da mesa. Muitos deles continuaram nos brinquedos e brincadeiras do salão. “Mas, tudo bem, é festa!?”

É absolutamente normal crianças não desejarem deixar os brinquedos para cantar o Parabéns com seus amigos. Afinal, brinquedos são divertidos.

Porém, é preciso se lembrar do porquê de estar naquela festa, qual o seu significado e que relações se estabelecem quando se participa dela. Antes de mais nada, para celebrar a vida do aniversariante. Em nossa cultura, o “Parabéns a você!”, em volta da mesa do bolo, é ponto alto da festa, o momento da celebração.

Ao permitir que as crianças fiquem nos brinquedos durante

o “Parabéns pra você!”, nos tornamos complacentes com o desrespeito aos valores, nos distanciamos de nossa função básica de educadores e do papel de parceiros mais experientes que estão prontos para ajudar e ensinar. É justamente nestes momentos que devemos intervir e educar. Trabalhar valores como respeito, quando não permitimos que se “avance” na mesa de doces, ou falar de generosidade e gentileza no momento de irmos cantar o Parabéns junto com o aniversariante, nos faz estar presentes de forma ativa e definitiva na vida destas crianças, pois simplesmente dizer “... e que mal tem?!” e pactuar com pequenas transgressões nos fazem perder a oportunidade de educar. E, não podemos esquecer, a formação de valores é um aprendizado.

Entendemos que ninguém ensina aquilo que não é e, portanto, a todo instante estamos proporcionando às crianças exemplos e modelos da prática de valores. Os adultos são modelo e referência de atitudes, e são as intervenções, realizadas no dia a dia, que levarão a criança a perceber que os princípios devem ser vividos nas relações.



Mas é só um campeonato de futebol!

Campeonato de futebol. Time completo. Jogo no sábado. Um dos jogadores não vai porque decide ir à praia com um colega.

Não participar de um compromisso assumido com o grupo, em nome do bem-estar ou desejo individual, compromete a formação de valores relacionados ao compromisso, espírito de equipe e respeito ao outro. O educador não poderia concordar, em hipótese alguma, com a quebra da responsabilidade com o time.

Mas não foi de propósito!

Um colega pede o brinquedo emprestado ao outro e “sem querer” o danifica. Acha que porque foi sem querer não precisa se responsabilizar pelo dano.

Ao tomarmos algo emprestado, é necessário redobrar cuidados e responsabilidades; afinal, trata-se de um pacto de confiança estabelecido entre quem emprestou e quem tomou emprestado. Assim, independente da intenção, cabe a quem danificou assumir a responsabilidade pelo dano e encontrar, junto com o outro, a melhor solução para o problema.



O CEB OFERECE AOS ALUNOS MUITAS OPORTUNIDADES PARA QUE VIVENCIEM SITUAÇÕES DE APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO MORAL, SEMPRE COM A INTERVENÇÃO E MEDIAÇÃO DE EDUCADORES. ESSAS VIVÊNCIAS TORNAM-SE REFERÊNCIAS PARA OS ALUNOS, QUE APLICARÃO SUA COMPREENSÃO DAS REGRAS E DOS PRINCÍPIOS INTERIORIZADOS COM BASE NOS VALORES APRENDIDOS E ENTENDIDOS. ISSO NÃO É ALGO EXCLUSIVO DA ESCOLA. TODAS AS SITUAÇÕES QUE VIVEMOS EXIGEM QUE NOSSAS ATITUDES SEJAM EMBASADAS POR NOSSOS VALORES, SEJAM NO TRÂNSITO, NO TRABALHO, NA RODA DE AMIGOS OU EM UMA FESTA DE ANIVERSÁRIO, EM QUALQUER SITUAÇÃO!

fala CEB!

Há quase 2 anos, em formação continuada, Berçaristas, Recreadoras e Professores do CEB dedicam-se aos estudos sobre o desenvolvimento moral e suas práticas nas diferentes faixas etárias. Abaixo, apresentamos algumas colocações desses profissionais.

Numa situação de disputa entre dois alunos de Berçário é importante se abaixar na altura deles, escolher um tom de voz que os acalme e que também deixe claro o limite, além de oferecer modelo de fala: "me empresta um pouco?", "quer trocar comigo?", "vamos brincar juntos?", "não gostei!".
Vanda Vieira - Berçário (0 a 2 anos)

Em nossos estudos, também nos preparamos para não ter a pretensão de sermos super-heróis, pois acredito que devemos tomar cuidado de não sermos inocentes nessa parceria, mas maduros o suficiente para entendermos que estamos ajudando nossos alunos a construir um processo. Não podemos agir na expectativa de que os resultados apareçam imediatamente (poderia ser frustrante), mas atuar na certeza de que nós, educadores, contribuímos para a construção de uma comunidade justa, cujos objetivos são comuns, e que isso leva um tempo maior do que imaginamos (pode ser mais estimulante e desafiador).
Melissa Ferronato - Ensino Fundamental 2 (11 a 14 anos)

Penso que o CEB, enquanto um ambiente sócio-moral que conta com educadores comprometidos com o desenvolvimento da autonomia e identidade da criança, ajuda a formar pessoas capazes de resolver conflitos baseados no respeito a si e ao outro. O caminho para promover esse desenvolvimento passa pela formação ética, não necessariamente como conteúdo didático, mas principalmente no convívio diário dentro da instituição.
Cláudia Salvador - Grupo de Infância 3 (4 a 5 anos)

O adulto deve agir de modo a incentivar as crianças pequenas para que questionem, construam, pratiquem, elaborem e reelaborem regras. A criança que não questiona e não é questionada terá dificuldade em ser uma boa legisladora. O desenvolvimento do juízo moral em crianças pequenas aparenta ter um caminho lento, mas é uma competência que, como tantas outras, será construída por etapas e depende de muitos fatores, entre eles, as relações estabelecidas entre os pares e entre o adulto e a criança.
Andréa Lima - Grupo de Infância 3 (4 a 5 anos)

Numa situação de mordida, converso com os dois envolvidos dizendo que não se deve fazer aquilo porque machuca, mostrando como o colega ficou chateado, e peço para que o que foi mordido diga que não gostou, que doeu. Após inúmeras situações em que sirvo de modelo, já é possível perguntar aos alunos como resolver o problema, o que podemos fazer, o que pode ser dito para expressar o que não gostamos e sentimos...
Camila Barrilari - Grupo de Infância 1 (2 a 3 anos)



O suporte da teoria e as discussões sobre as perguntas levantadas pelos grupos nas formações ampliaram nosso entendimento e repertório de ações. Permitiram maior entendimento de certos comportamentos nas respectivas faixas etárias e a melhor forma de abordar os alunos em determinadas situações, sempre visando ao processo do desenvolvimento moral e à construção da autonomia. Inevitável concluir que não é uma tarefa fácil. É preciso refletir sobre nossos valores; sobre o que é justiça e como fazer uso dela; é preciso usar do bom senso, é preciso estar atento, ter cuidado; é preciso querer, estar disposto. É preciso acreditar e não desistir. É preciso continuar estudando...
Sandra Pitanga - Ensino Fundamental 1 (9 a 10 anos)



Um longo caminho a ser percorrido

Não diferente das outras áreas de desenvolvimento humano, tais como cognitiva, sócio-afetiva, psicomotora, o desenvolvimento moral nas crianças se dá de forma crescente e gradativa – da anomia (ausência de moral) à autonomia (liberdade moral).

Esse desenvolvimento se dá em diferentes âmbitos, porém não de maneira espontânea. Assim, é papel do educador fazer intervenções estratégicas e intencionais para que a criança também se desenvolva moralmente.

De acordo com a filosofia educacional do CEB, a criança é respeitada em sua infância e estimulada a desenvolver-se na relação com o outro (pessoa, meio, cultura...). A partir dessa concepção, inúmeros desafios, para as diversas faixas etárias, são vistos por nossa equipe como oportunidades de aprendizagem moral.

No berçário, por imitação, a criança começa a seguir regras cotidianas, ligadas à rotina, além de ser estimulada no que se refere às boas maneiras. Dessa forma, algumas atitudes tornam-se hábitos.

Nádia Oliveira, Orientadora Pedagógica e Educacional do Berçário ao G2, explica que, nessa fase, o bebê não tem condições de entender os porquês, sendo pela imitação de atos e atitudes que começará a ter noções de gratidão, generosidade, respeito ao outro, enfim, de diversas virtudes. “Quando, por exemplo, agradecemos e estimulamos a criança a fazer o mesmo, criamos situações de relação, gratidão e respeito ao outro”, afirma Nádia. “Claro que ela só terá a consciência dessas atitudes e valores bem mais tarde, mas poderá aprender como funciona a relação com outro indivíduo, ou seja, a noção precede a consciência.”

Até os três anos, segundo Yves De La Taille, a criança segue regras cotidianas, rotinas, mas ainda não se mobiliza pelo bem e/ou mal, certo e/ou errado. Nessa fase pré-moral, sabe apenas que coisas são feitas.

Por volta dos 4 e 5 anos, começa a perceber que coisas devem ser feitas. Assim, o hábito começa a dar lugar à dimensão do dever e a moral é pensada sempre em relação à autoridade (heteronomia). Com o grande desenvolvimento da linguagem oral, podemos, a partir desse momento, apresentar novos conceitos e elementos, como sentimentos e atitudes que continuarão ajudando no desenvolvimento moral.

Entre 6 e 7 anos, a intenção é que a criança entenda, nomeie

o que está sentindo e busque atitudes adequadas para resolver situações conflituosas existentes e necessárias em sua fase de desenvolvimento. Uma das estratégias utilizadas no CEB é o programa “Amigos do Zippy”, trabalhado com crianças de 1º ano, que visa favorecer o reconhecimento dos próprios sentimentos e dos alheios, bem como elaborar formas de lidar com situações insolúveis, como, por exemplo, perdas e mudanças.

Por volta de 8 e 9 anos, a criança inicia um movimento para a conquista da autonomia, é quando começa a descartar a dimensão da autoridade para legitimar a intenção e a razão de ser das regras, das atitudes, da reciprocidade e do respeito mútuo (noção de certo e errado).

“Nesse período, discutimos todas as situações-problema, conflitos e possíveis resoluções”, explica Elaine Pires, Orientadora Pedagógica e Educacional do G3 ao 3º ano. “Por exemplo, se existe algum problema de conduta individual ou grupal interferindo de maneira significativa, convidamos a turma toda para que se envolva na resolução da situação, uma vez que, ao ter voz, a criança sente-se responsável pelo cumprimento do combinado.”

O processo de desenvolvimento continua com o acompanhamento e parceria constantes dos educadores, que fazem uso de outras ferramentas, como jogos cooperativos, resolução de dilemas e assembleias, de acordo com a idade do grupo.

A assembleia, estratégia utilizada com os alunos mais velhos, caracteriza-se por ser um espaço coletivo de resolução de problemas coletivos, em que as questões levantadas são legitimadas por todos (adultos e crianças).

As intervenções no trabalho com desenvolvimento moral, a longo prazo, visam à valorização de si e do outro, ao respeito a si e ao outro, conhecimento e autoconhecimento, visto que quem se conhece tem condições de dominar e controlar seus sentimentos, transformando seus atos em atos melhores.

Formar em valores e princípios é um alicerce fundamental para aprender a ser, e conviver e é um dos propósitos da missão do CEB – **“(...) educar alunos, com qualidade e responsabilidade, promovendo condições para que desenvolvam habilidades e competências que lhes permitam atuar de forma responsável e cidadã no mundo em que vivem, que se tornem pessoas de bem, autônomas e comprometidas com seu projeto de vida em prol de um mundo melhor.”**

Valores

Por **Maria Helena R. de Oliveira da Costa** * e **Neusa Martins Canotilho** **

Valores são tema recorrente em nosso cotidiano. Há quem associe muitos dos problemas que enfrentamos no mundo atual a uma crise de valores ou à falta deles.

Mas o que são valores? De onde eles vêm?

Desde a infância, vivemos e convivemos com pessoas que se tornam referência para uma série de situações em nossas vidas. Quando paramos para pensar no valor que damos à vida, na maneira como nos relacionamos com as outras pessoas, nas coisas que gostamos de fazer, nos princípios sobre os quais nos pautamos, talvez, muitos de nós sejamos capazes de nos lembrar de uma avó caridosa, de uma atitude honesta de um conhecido, de uma situação em que sentimos orgulho de nossos pais, irmãos, amigos... Cada uma dessas situações deixa marcas, e são elas que nos constituem como pessoas e que formam nossos valores.

Se somos caridosos, pode ter sido o exemplo da nossa avó, que não deixava de ajudar as pessoas ao seu redor: um vizinho, uma empregada, uma criança de rua... Se somos motivo de orgulho para alguém, pode ter sido por um dia termos presenciado uma situação em que um ente querido nos fez sentir orgulhosos e nos fez agir como ele.

Reviver e viver essas situações trazem uma sensação de bem-estar, e isso acontece porque são situações às quais atribuímos valor, que nos afetam...

Podemos então dizer que valores são investimentos afetivos, constituídos a partir de modelos significativos. Vamos falar mais sobre isso...

Ao ver crianças de 7 ou 8 anos que se comportam bem em situações sociais, como em um restaurante, por exemplo, podemos pensar que é da natureza delas. Que conseguem ficar próximas aos pais, não correm entre os clientes do restaurante, não esbarram em mesas, garçons, pedem "por favor", desculpam-se, etc. porque são assim, naturalmente educadas. A verdade é que aprenderam a ser assim. Ter valores e demonstrá-los nas ações cotidianas é resultado de um processo de aprendizagem.

Quem, ainda hoje, não admira alguém que consegue ser respeitoso mesmo quando está sendo injustiçado e que, com educação e equilíbrio emocional, consegue fazer valer o seu direito? Quem não admira pessoas que são atenciosas com os outros? Que oferecem uma escuta atenta a quem precisa? Que trata com respeito e educação diferentes pessoas independentemente do vínculo afetivo? Ou que sai em noites de frio, oferecendo alimento e cobertores a quem mora nas ruas? Ou que socorre um animal ferido? Quem não admira uma pessoa que doa um órgão sem querer nada em troca? Ou quem encontra algo de valor e devolve porque não lhe pertence?

Ser uma pessoa "de valor", merecedora de respeito e admiração, é possuir características que desenvolvemos ao longo de nossas vidas, a partir de bons modelos e de investimentos dos adultos

que nos acompanharam nessa trajetória, mesmo sem saberem que estavam nos educando. Sim, porque não é só quando somos pequenos que aprendemos. Aprendemos ao longo de toda a vida, com todos que se tornam boas referências para nós.

Nem sempre as pessoas que participaram de momentos importantes de nossas vidas e se tornaram nossos modelos estavam preocupadas com nosso desenvolvimento moral ou tinham como propósito nos ensinar a ser do jeito delas ou a admirá-las. Incorporamos valores (traduzidos em ações como falar baixo, cumprimentar as pessoas que passam por nós, ser paciente, ser polido com o outro, ter respeito pelo espaço do outro, ser generoso, solidário, atento, honesto etc.) observando a maneira como nossos "modelos" se relacionam com os outros e com o mundo.

Como adultos que educam, devemos intencionalmente promover situações e discutir ações e princípios aos quais queremos que as crianças e jovens atribuam valor. Situações pequenas e cotidianas podem nos ajudar nessa tarefa: "Veja que bom aquela menina ajudando aquela pessoa cega a atravessar a rua!", "Veja como aquele menino é educado ao sentar-se à mesa e esperar que os outros terminem sua refeição!", "Veja como esse homem foi honesto entregando o dinheiro que ele encontrou no chão à pessoa que o perdeu!", "É preciso pedir 'por favor' quando queremos que alguém pare o que está fazendo para nos ajudar", "Que bom que você nos ajudou a arrumar a casa e receber bem as visitas" ... e tantas outras.

A formação de valores será tão mais efetiva quanto maiores forem as oportunidades oferecidas ao educando para que ele observe e vivencie situações nas quais os valores estejam presentes. Tal vivência permite refletir e decidir que tipo de pessoa se quer ser. Permite definir o que é realmente importante, o que tem valor.

É em nossos modelos, no reconhecimento das qualidades que gostaríamos de ter, na maneira de ser ou na forma de agir daqueles a quem devotamos afeto e consideração, que se formam os nossos valores. São nossos valores que definem quem somos e quem podemos vir a ser.



* **Maria Helena Rocha de Oliveira da Costa** é Orientadora Pedagógica e Educacional do 4º ao 9º ano do CEB - Comecinho de Vida.

** **Neusa Martins Canotilho** Coordenadora de Informática do CEB - Comecinho de Vida.